

## CRONOTOPOS, ESFERA E AUTORIA NO GÊNERO *NOTÍCIA IMPRESSA*

Rodrigo Acosta Pereira (UFSC/UFRN)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho objetiva apresentar uma breve discussão teórica sobre a inter-relação constitutiva entre cronotopia, esfera de atividades, autoria e gêneros do discurso a partir da investigação sob o escopo das notícias impressas. Para tanto, revisitam-se estudos de Bakhtin acerca desse tema.

**Palavras-chave:** gênero notícia, cronotopia, esfera.

**ABSTRACT:** *The research aims at presenting a brief theoretical discussion about the interrelationship among cronotopos, sphere, and author and discourse genres throughout the analysis of news reports in press media. To do so, the research is based on Bakhtin's works.*

**Key-words:** *news report, cronotopos, sphere.*

### Introdução

A pesquisa está baseada na Análise Dialógica de Discurso <sup>2</sup>(ADD) do Círculo de Bakhtin (1926; 1989; 1993; 1998; 2003; 2006). Sob essa perspectiva, buscaremos explicar sobre a

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística da UFSC. Professor da UFRN.

<sup>2</sup> “Não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se domina *Círculo de Bakhtin* jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, arrisca-se a sustentar que o conjunto das obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e conseqüências são visíveis nos estudos lingüísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral. Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre línguas, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas [...]. Iniciar a apresentação da análise/teoria dialógica do discurso dessa maneira significa, de imediato, conceber estudos da linguagem como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primário [...]. As contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador”. (BRAIT, 2006, p. 9-29).

linguagem a partir de um panorama social, discursivo e dialógico, ou seja, a concepção sociointeracionista de linguagem do Círculo, integrada às concepções de interação, dialogismo, valoração, enunciado, texto e gêneros do discurso. O objetivo da pesquisa é discutir a cronotopia, a esfera social e as posições de autoria no gênero jornalístico notícia na mídia impressa. A partir disso, a presente pesquisa se organiza da seguinte forma: (a) uma breve discussão sobre os gêneros do discurso sob a perspectiva da ADD; (b) posteriormente, uma explicação sobre a esfera social do jornalismo e (c), por fim, uma explanação sobre cronotopia, autoria e público-leitor.

### *1.1 Os gêneros do discurso sob a perspectiva da ADD*

Segundo a ADD, os diversos usos da linguagem se dão por meio de enunciados concretos, únicos e irrepetíveis que emanam das diferentes esferas sociais de atividade humana. As esferas constituem-se como campos de legitimação, regularização e significação das interações sociais que, por sua vez, se tipificam, originando os gêneros do discurso. Para Bakhtin (2003), os enunciados refletem e refratam as condições sociais específicas e as finalidades (discursivo-ideológico-valorativas) de cada esfera da qual fazem parte, assim como relativamente se normatizam (significam socialmente) por meio de seu conteúdo semântico-objetual (conteúdo temático), por seu estilo verbal (seleção de recursos lexicais e fraseológicos da língua) e, sobretudo, por sua construção composicional. “Esses três elementos [...] fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Para o autor, não se pode compreender a funcionalidade e constituição dos gêneros, sem considerar sua extrema heterogeneidade. Bakhtin (200), a esse respeito, discute acerca dos gêneros primários e sua diferença discursivo-ideológica dos secundários. O autor explica essa diferença a partir do processo de transmutação, explicando que, durante o processo de formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários. A partir desse processo dialógico, os gêneros primários passam a ser partes integrantes dos gêneros secundários<sup>3</sup>, “transformando-se dentro destes e adquirindo uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Sobre essa questão de mútua constituição entre gêneros primários e secundários e enunciados, Bakhtin (2000, p. 282) discute algumas considerações metodológicas. De acordo com o autor,

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que o objetivo de Bakhtin não foi apresentar uma diferenciação taxonômica dos gêneros, mas distingui-los em função de sua funcionalidade e constituição discursivo-ideológico-valorativa. O autor propõe que entendamos os gêneros primários (simples) como aqueles que funcionam sociocomunicativamente em relações dialógicas de interação em espaços regularizados por normas sociais de ideologias cotidianas, isto é, ideologias não institucionalizadas. Os gêneros secundários, por sua vez, de acordo com o autor, se encontram legitimados por ideologias formalizadas, isto é, ideologias que institucionalizam determinadas esferas sociais dos quais os gêneros se realizam (por exemplo, o romance, da esfera da arte, os gêneros do jornalismo de jornal e de revista, tais como: a entrevista, a carta de aconselhamento, o editorial, o artigo assinado) (BAKHTIN, 2000; 2003).

A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los [...]. A inter-relação entre gêneros primários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários de outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões de mundo).

Observa-se que Bakhtin (2000; 2003) enfatiza considerações metodológicas de estudo dos enunciados, afirmando que um trabalho de investigação com base em gêneros, resultaria em um estudo de um material lingüístico concreto, que se correlacionaria com as diversas situações sociais de comunicação. Para o autor, é a partir desse caminho que os pesquisadores deveriam extrair seus dados, isto é, os fatos lingüísticos que pesquisam, pois, segundo Bakhtin (2003), a partir de uma compreensão clara da constituição e do funcionamento dos enunciados em situações de interação, conduziria o pesquisador ao entendimento da língua em sua concretude, a língua em sua realização concreta e social.

Assim, para a ADD, compreender o funcionamento e a constituição dos gêneros do discurso nas mais variadas situações sociais de interação é entender como a língua se realiza na forma de enunciados e como esses enunciados, engendrados por diversas orientações ideológicas e projeções valorativas, se tipificam e se estabilizam socialmente. Para tanto, Bakhtin apresenta diversas discussões acerca da relação entre estilo, tema, e composicionalidade dos gêneros do discurso

Quanto à relação entre tema e gêneros, Bakhtin (2003, p. 281), postula que determinadas esferas sociais produzem seus temas específicos. Em outras palavras, a exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado é diferente, à medida que se diversificam as situações de interação. A exauribilidade semântico-objetual pode apresentar-se quase plena em campos nos quais os gêneros do discurso são de natureza padronizada e a criatividade é quase ausente. Por outro lado, em esferas sociais nas quais a fluidez do gênero é recorrente, os temas são diversificados, apresentando acabamento e responsividade plásticos. Em síntese, o objeto semântico é inexaurível, mas, ao se tornar tema de enunciados, determina-se em função da esfera social das quais os enunciados se realizam.

Indissociável à exauribilidade semântico-objetual, Bakhtin (2000; 2003) discute a questão do estilo. Para o autor, “o estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas dos enunciados”. (BAKHTIN, 2000, p. 283). O estilo está, em adição, relacionado à esfera de constituição e funcionamento do gênero. Dessa forma cada esfera (re)conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade e, aos quais correspondem determinados recortes estilísticos.

É sob esse âmbito que a composição está relacionada com o conteúdo temático e com o estilo do gênero. Para Bakhtin (2003, p. 266), as unidades composicionais são determinados

“tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva”. A composicionalidade, aliada ao estilo e ao tema dos enunciados estabilizados em gêneros, resulta no reconhecimento de situações de enunciação tipificadas, tornando a interação compreensível aos interlocutores.

Em síntese, podemos compreender que os gêneros, em suas diversas esferas sociais, não são apenas histórico e culturalmente construídos, como também são conjugados a determinadas ideologias. Estas, por sua vez, não apenas determinam a construção discursiva do gênero, como também o espaço da interação, regularizando e (re)construindo determinadas normas sociais impostas pelos variados espaços de produção, circulação e recepção dos gêneros na sociedade, o que determina sua essência híbrida, fluida e dinâmica.

### *1.2 O Jornalismo de Jornal Impresso : Esfera, Valoração e Ideologia*

Consoante à compreensão dos gêneros do discurso como enunciados que relativamente se estabilizam nas diversas situações sociais de interação, Bakhtin (2003; 2006) propõe as esferas sociais como princípio organizador dos gêneros, isto é, são concretizações dentre as diversas formas de comunicação social. As esferas tipificam as situações de interação, estabilizando os enunciados que nela circulam, originando gêneros do discurso particulares dessa esfera. Com isso, cada campo organiza suas formas típicas de comunicação social, à medida que

As relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. [...] Estas formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social. (BAKHTIN, 2006, p. 43).

Cada esfera social apresenta uma orientação social determinada para a realidade, objetos discursivos próprios e funções ideológicas específicas. Os gêneros e enunciados, por conseguinte, não são indiferentes às especificidades de sua esfera. Assim, podemos compreender que os gêneros do discurso se constituem a partir de situações da vida social relativamente estáveis, ou seja, imersos a esferas sociais que, por sua vez, comportam diversas variedades de intercâmbios sociocomunicativos. Cada esfera social, com sua função socioideológica particular e suas condições sociodiscursivas próprias, formula na interação social determinados gêneros, específicos a essa esfera. Dessa forma, entendemos que os gêneros correspondem a situações de

interação verbal típicas (RODRIGUES, 2001; 2005), e apresentam na sua constituição, as finalidades e as condições sociodiscursivas da esfera na qual são produzidos e circulam.

As esferas ou campos sociais são, portanto, critérios de organização ou agrupamento de gêneros. Partindo dessa compreensão, a esfera jornalística se constitui e funciona mediada por gêneros bem como constitui seus gêneros do discurso, que nesse espaço refletem e refratam as especificidades da situação social e constituem-se como referências para os diversos intercâmbios comunicativos nessa esfera. Bakhtin (2006) postula que nas situações de interação que perpassam as diversas esferas sociais nas quais os gêneros residem, é preciso supor um determinado horizonte social, que é definido e estabelecido pela situação e meio sociais, os quais constituem os gêneros. Segundo fundamentações da ADD, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 117). Os gêneros correspondem a situações sociais de interação tipificadas de comunicação discursiva em uma determinada esfera social.

Dessa forma, cada gênero possui determinado objetivo, sua concepção de autor e de destinatário, seu conteúdo temático, estilo verbal e composição, que refletem as condições e finalidades da esfera a qual pertencem (RODRIGUES, 2001). Compreendendo, portanto, a relação entre esferas e gêneros do discurso, percebemos que a esfera social do jornalismo desencadeia reações ideológicas intimamente relacionadas às condições sociais e aos valores sociais atribuídos aos gêneros que nesse campo circulam. Dessa forma, as diferentes situações de comunicação verbal que se produzem e circulam na esfera do jornalismo são revestidas de ideologias e valorações. Sob a perspectiva da ADD, a ideologia apresenta-se como interpretação da realidade social, expressa na e pela consciência sempre de forma sónica. É a expressão de uma posição. Dentro de espaços sociais mediados por signos, a ideologia, para a ADD, instaura-se a partir de movimentos constituídos por idéias estáveis e instáveis que em confluência e diálogo constante residem na consciência humana (MIOTELLO, 2007).

Ao compreender ideologia como interpretação da realidade social que se constitui e funciona por meio de signos<sup>4</sup> socialmente situados, percebemos que a esfera do jornalismo é calcada por valores ideológicos. Os diversos gêneros dessa esfera carregam consigo valores, conceitos, idéias e índices de valor que afetam seu tema, estilo e composição. Para Bakhtin (2006), os signos que se realizam por meio das relações sociais, apresentam-se envoltos por

---

<sup>4</sup> “Desde as primeiras décadas do século XX, nos trabalhos de M. Bakhtin e seu círculo não somente a palavra, mas a linguagem em geral, é concebida e tratada de uma outra forma, levando-se em conta sua história, sua historicidade, ou seja, especialmente a linguagem em uso. [...] A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. [...] A compreensão do mundo, pelo sujeito, acontece no confronto entre as palavras da consciência e as palavras circulantes na realidade, entre o interno e o externamente ideológico [...]”. (STELLA, 2007, p. 178-180).

determinados horizontes sociais, reflexos de uma época ou de grupos sociais específicos. Para o autor,

As características da palavra enquanto signo ideológico [...] fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. Não é tanto a pureza semiótica da palavra que nos interessa na relação em questão, mas sua ubiquidade social. Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 2006, p. 42).

Para Bakhtin (2006, p. 31), “tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. Em adição, segundo a ADD, cada signo não se satisfaz apenas como parte de uma realidade; ele reflete e refrata outras, posto que todos os signos são sujeitos a critérios de avaliação ideológica. Onde encontram-se os signos, encontra-se o ideológico. Bakhtin (2006) ainda pontua que cada campo social se constitui e funciona sob determinada orientação ideológico-valorativa; portanto, os gêneros que nessas esferas circulam são perpassados e confrontados por ideologias que os regularizam relativamente e os significam.

Outro aspecto relevante na inter-relação entre esfera e ideologia é o entrecruzamento entre apreciação e significação, à medida que cada campo social (esfera socio-discursivo-ideológica) é engendrado por índices sociais de valor (valorações; apreciações) que determinam a criação ou orientação ideológica dos gêneros que se produzem nessa determinada esfera. Sob a perspectiva da ADD, os signos (e portanto, os gêneros) possuem acentos de valor ou horizontes apreciativos que acompanham e significam a interação. Essa apreciação social é realizada, de acordo com Bakhtin (2006), por meio da entoação expressiva, da seleção lexical, dos recursos fraseológicos, gramaticais, textuais e discursivos de que os interlocutores se utilizam nas situações de interação. Essa orientação valorativa é determinada pela situação imediata e ampla e engendra-se na orientação ideológica do campo no qual a interação se desencadeia. Os gêneros do discurso da esfera jornalística, por exemplo, a notícia, são conduzidos por determinados horizontes sócio-valorativos (avaliações, apreciações, posições, acentos, entoações, julgamentos, modalidades apreciativas, escolhas) e ideológicos (reflexos e interpretações da realidade social e natural que se materializam dialogicamente de forma sociosemiótica) que os regularizam e os significam nas

diversas situações interativas. Para Bakhtin (2003), a interação pressupõe avaliação, isto é, a compreensão bem como a produção de enunciados nas diversas situações de interação implica apreciação. Compreensão e avaliação (valoração), de acordo com o autor, são instâncias simultâneas e apresentam-se como um ato único, integral e indissolúvel.

É dessa forma que, a ADD, considera que toda situação social de interação se desenvolve a partir da dinâmica de avaliações (valorações) e de orientações ideológicas que, em confluência, se entrecruzam na constituição e no funcionamento dos enunciados e dos gêneros da esfera do jornalismo. É nesse campo social no qual se produz o gênero notícia, que se entrecruzam valorações e posições ideológicas que entram em luta dialógica, materializada discursivamente por meio de regularidades semiótico-textuais relativamente estáveis que significam e legitimam essa situação de enunciação – “a configuração dialógica da compreensão [...] A índole de acontecimento do conhecimento dialógico. O encontro. A avaliação como momento indispensável do conhecimento dialógico” (BAKHTIN, 2003, p. 398). Assim, os gêneros da esfera do jornalismo impresso são absorvidos por valorações instituídas de ideologias que regulam, estabilizam e legalizam as diversas situações sociais mediadas por esses gêneros. O campo social do jornalismo impresso, portanto, carrega consigo índices sociais de valor que não apenas influenciam na relativa estabilização dos enunciados que se tipificam nessa esfera, como legalizam e regularizam “as demais formas de adaptação da enunciação à organização hierarquizada da sociedade [que] têm importância imensa no processo de explicitação dos principais modos de comportamento” (BAKHTIN, 2006, p. 44-45).

Após a breve discussão acerca dos conceitos basilares que sustentam a pesquisa, partimos para a seção a qual se apresentam (a) considerações acerca da apresentação da proposta do método sociológico de Bakhtin e a (b) a contextualização dos jornais cujas notícias constituem nossos dados de pesquisa.

## **2 Metodologia sociológica de análise da linguagem**

A investigação acerca do gênero jornalístico notícia da mídia digital baseia-se no método sociológico do Círculo de Bakhtin, revisitando considerações, dentro dessa mesma perspectiva epistemológica, propostas por Rodrigues (2001; 2005) sobre as dimensões social e verbal dos gêneros do discurso e Rojo (2005) em relação à análise de práticas sociais de uso da linguagem em situações de interação específicas. As considerações teórico-metodológicas de análise do uso da linguagem postuladas por Bakhtin (2006, p. 128-129) seguem as etapas a seguir:

1. As formas da língua e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, e, ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto

- é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Em adição, a pesquisa pretende inter-relacionar a análise do gênero notícia com a proposta de Rojo (2005), que busca sintetizar na descrição e na interpretação dos dados as relações entre os elementos da situação de comunicação, as práticas de linguagem e gêneros do discurso. Segundo a autora,

[...] A ordem metodológica de análise que vai da situação social ou de enunciação para o gênero/enunciado/texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes [...]. Ao chegarmos nesse último nível de análise, vale a interpretação linguística habitual, isto é, as teorias e análises linguísticas disponíveis, desde que seguida a ordem metodológica que privilegia as instâncias sociais [...]. Dito de outra maneira, aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos da situação de enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seus *interlocutores* e *temas* discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 199).

Dessa forma, a investigação buscará compreender as regularidades enunciativo-discursivas que engendram e se engendram na constituição e no funcionamento do gênero jornalístico notícia na mídia virtual, objetivando entender a relativa estabilização linguístico-enunciativa do gênero, mas entendendo, sobretudo, que “estas [as regularidades] serão devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica” (ROJO, 2005, p. 199).

### **3 As Particularidades dos Jornais Investigados**



Apresentam-se nesta seção dados e particularidades dos jornais selecionados para a pesquisa acerca do gênero notícia. Retomamos que as informações apresentadas a seguir foram retiradas de sites de busca e dos sites institucionais dos respectivos jornais<sup>5</sup>.

### 3.1 O Jornal *Diário Catarinense*

O *Diário Catarinense* começou a circular em 05 de maio de 1986 como o último projeto idealizado de Maurício Sirostky Sobrinho. Primeiro jornal informatizado da América Latina e primeiro jornal do estado de Santa Catarina a utilizar fotos coloridas, pertence ao Grupo RBS<sup>6</sup> desde sua fundação.

O *Diário Catarinense* é um jornal diário, de formato tablóide e de sede em Florianópolis – SC. Sua circulação média mensal é de aproximadamente 38 mil exemplares em dias úteis e cerca de 60 mil aos domingos. Sua circulação é estadual. O *Diário Catarinense*, além do jornal impresso, possui sua versão *online* no *website*: [www.diario.com.br](http://www.diario.com.br).

### 3.2 O Jornal *Correio Do Povo*

Fundado em 1º de outubro de 1895 por Caldas Júnior, foi o jornal de mais longa publicação em Porto Alegre – RS, circulando por 89 anos ininterruptamente, até 1984, reiniciando sua publicação em 1986.

Segundo dados históricos apresentados na página institucional do jornal na Internet<sup>7</sup>, a primeira edição do *Correio do Povo* saiu em quatro páginas e 2 mil exemplares. Pouco mais de três anos depois, já eram 4, 5 mil exemplares. Entretanto, com a morte prematura de seu fundador em 1913, o jornal passou por dificuldades econômicas, que só cessaram em 1935, quando a direção da Companhia Jornalística Caldas Júnior foi assumida por seu filho, Breno Alcaraz Caldas, nela permanecendo mais de 50 anos.

Atualmente, o jornal *Correio do Povo* pertence à Central Record de Comunicação, controlada pelo empresário Edir Macedo, juntamente com outras empresas do grupo: as rádios *Guaíba AM* e *FM*. A Central Record de Comunicação foi fundada em 09 de novembro de 1989 e é um grupo de mídia que aglomera diversos veículos de comunicação, a saber, *Rede Record*, *Record News*, *Rede Família*, *Rádio Record*, *Rádio Guaíba* e *Rádio Sociedade*.

O *Correio do Povo* é um jornal diário, de formato tablóide e de sede em Porto Alegre – RS. Sua circulação média estadual é de aproximadamente 80 mil exemplares nos dias úteis e cerca de 154 mil aos domingos, sendo considerado o 2º jornal gaúcho em tiragem e o 8º brasileiro. O

---

<sup>5</sup> Durante a busca de referencial teórico, constatou-se a dificuldade de encontrar pesquisas acadêmicas específicas sobre os jornais selecionados para esta pesquisa. Tendo em vista esta dificuldade, foram consultados os sites institucionais dos referidos jornais.

<sup>6</sup> Ver explicações sobre o Grupo RBS na seção anterior intitulada ‘O jornal *Zero Hora*’.

<sup>7</sup> [www.correiodopovo.com.br](http://www.correiodopovo.com.br). Acesso em 16/06/2008.

*Correio do Povo* é editado pela Central Record de Comunicação, possuindo versão impressa e online.

### **3.3 O Jornal *O Estado De S. Paulo***

O jornal *O Estado de S. Paulo* foi fundado em 4 de janeiro de 1875 por Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos. Criado a partir dos ideais republicanos, na época de sua fundação, o jornal chamava-se *A Província de São Paulo*. Segundo dados da página institucional do jornal na Internet<sup>8</sup>, quando surgiu, o jornal possuía apenas quatro páginas e uma tiragem aproximada de 2.025 exemplares.

Ao longo de sua história, o termo *Província* foi conservado até 31 de dezembro de 1889, um mês após a queda da monarquia e instituição da República no Brasil. No final do século XIX, o jornal *O Estado de S. Paulo* já se apresentava como o maior jornal do estado de São Paulo, superando seus concorrentes, dentre eles, o jornal *Correio Paulistano*.

*O Estado de S. Paulo* pertence ao Grupo Estado – S.A. O Estado de S. Paulo - cujo presidente é Roberto Mesquita e o diretor é Ricardo Gandour. Além do jornal *O Estado de S. Paulo*, o Grupo Estado publica o *Jornal da Tarde* (fundado em 1966) e detém controle sobre a *O Estado de S. Paulo Mídia* (desde 1984). O jornal *O Estado de S. Paulo*, além de sua versão impressa, possui notícias publicadas online em seu website: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br).

Após a busca de compreensão das especificidades acerca das instituições empresariais dos jornais, apresentamos considerações acerca da dimensão social do gênero notícia, fazendo um recorte e discutindo, dessa forma, questões acerca da cronotopia e da posição de autoria no gênero jornalístico notícia.

## **4 A Cronotopia no gênero jornalístico notícia**

Bakhtin (1998; 2003) apresenta considerações sobre cronotopia em ‘O Cronotopo em Rebelais’ e ‘O Tempo e o espaço nas obras de Goethe’. A partir da análise do gênero romance, o autor pontua aspectos relativos ao horizonte espaço-temporal do gênero, postulando que o cronotopo é considerado o centro de organização dos acontecimentos temáticos do romance. Para Bakhtin (1998; 2003), o cronotopo é a porta de entrada da análise do gênero; é, portanto, a partir disso, que esta pesquisa revisita as posições de Bakhtin frente à cronotopia e as relaciona com a constituição e o funcionamento do gênero jornalístico notícia.

Rodrigues (2005) afirma que cada gênero do discurso situa-se em um determinado cronotopo: engendra-se em determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo (axiológico); possui orientações ideológicas específicas e apresenta concepções de autor e destinatário próprios. Entendemos, em adição, que cada gênero, dessa forma, possui uma

---

<sup>8</sup> [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br). Acesso em 16/06/2008.

orientação espaço-temporal diferente, determinada por condições sociais específicas que consubstanciam seu cronotopo.

Amorin (2007), ao discutir a relação entre os conceitos de cronotopia e exotopia, postula que a concepção de cronotopo refere-se ao equilíbrio que se instaura entre os horizontes espacial e temporal. Segundo a autora, Bakhtin (1998; 2003) recupera esse conceito das teorizações da Matemática e da Teoria da Relatividade de Einstein, objetivando compreender como se articula no discurso a indissolubilidade da inter-relação entre o espaço e o tempo. Bakhtin (2003, p. 225), revisitando suas discussões sobre o tempo e o espaço em Goethe, apresenta considerações sobre a cronotopia, pontuando que

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e idéias humanas (até conceitos abstratos).

Ao apresentar suas fundamentações sobre a cronotopia, com maiores discussões acerca das obras de Rebelais e Goethe, Bakhtin (1998; 2003) procura compreender os possíveis indícios ou vestígios culturais e históricos que se pautam sob a perspectiva da cronotopia.

Compreendendo a cultura como um “sistema e em um nível mais alto de unidade orgânica: aberta, em formação, não resolvida nem previamente resolvida, capaz de morte e renovação, que transcende a si mesma” (BAKHTIN, 2003, p. 370), Bakhtin busca apreender como organizações, instituições, esferas, nações e grupos sociais são constituídos por aspectos cronotópicos. No gênero romance, o que poderia, em adição, ser relacionado ao gênero jornalístico notícia, o autor afirma que o mundo e a vida social são apresentados a partir de cortes da realidade da época. Os acontecimentos, os fatos e as realizações representadas no romance abrangem de certo modo toda a vida de uma época.

Em síntese, cronotopia, para Bakhtin (2003, p. 225) são “os visíveis indícios complexos do tempo histórico, na verdadeira acepção do sentido, são vestígios visíveis da criação do homem, vestígios das suas mãos e da sua inteligência [...]”. Amorin (2007, p. 102), retomando postulados bakhtinianos, afirma que “o cronotopo [...] é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto”.

Ao relacionar-se o conceito de cronotopia com o funcionamento do gênero notícia, observa-se que o horizonte espacial desse enunciado corresponde a duas dimensões: (a) a esfera social na qual se produz (Cf. Seção 1.2) que, segundo Rodrigues (2001) é responsável por interpretar, valorar e evidenciar fatos, posicionamentos que serão parte constituinte do campo social jornalístico e (b) a situação de interação do gênero notícia, que busca compreender os interlocutores – a posição discursiva de autoria e de público-leitor (Cf. Seções a seguir).

Quanto ao horizonte temporal, o cronotopo relaciona-se com o fator de periodicidade da notícia. O gênero notícia na esfera do jornalismo impresso possui publicação diária, isto é,

apresenta-se como um gênero de curta temporalidade, posto que as notícias que circulam num determinado dia perdem seu valor de noticiabilidade na próxima publicação.

Essa obsessão pelo presente, pelo momento e pelo instante, é discutida por Charaudeau (2006) e caracterizada como uma estratégia de co-temporalidade enunciativa. Em outras palavras, segundo o autor, o quadro temporal da notícia é a atualidade; a atualidade passa a ser fator central e critério de noticiabilidade e que, portanto, determina a pauta e os fatos a serem noticiados, explicando e justificando duas características essenciais do discurso da notícia: a efemeridade e a a-historicidade. O horizonte temporal, em adição, caracteriza-se pelo processo de impressão e de circulação do gênero notícia. O processo de impressão realiza-se a partir de procedimentos realizados pela instituição jornalística; esse processo resulta na distribuição dos jornais em diversos locais.

Quanto à circulação<sup>9</sup>, o jornal apresenta-se ‘validado’ pela publicação do dia, recuperando sua característica de curta temporalidade. Em suma, podemos verificar que o cronotopo designa condições historicizadas de produção do discurso. Designa uma espécie de orientação espaço-temporal, um lugar coletivo no qual histórias se contam, se escrevem, se entrecruzam dialogicamente. Dessa forma, a cronotopia está ligada aos gêneros e sua trajetória. Para Amorin (2007, p. 105)

Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, conseqüentemente, visões típicas de homem. Podemos então concluir que, no trabalho de análise dos discursos e da cultura, quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos dele inferir uma determinada visão de homem.

É nessa perspectiva, que nas próximas seções discutiremos as relações entre o gênero notícia e seu auditório social – a posição sociodiscursiva de autor e a construção do público previsto, ou seja, os interlocutores da situação de interação.

#### **4.1 O gênero *notícia* e questões de autoria**

Para a seleção de fontes e produção da notícia, a instância midiática utiliza-se de discursos produzidos externamente à instituição jornalística. Charaudeau (2006) subdivide a identificação de fontes como (a) interna às mídias – “são classificadas em relação aos organismos de informação” (p. 147), isto é, podem ser internas ou externas ao organismo de informação; e (b) externas às mídias – classificadas de acordo com seu caráter institucional.

---

<sup>9</sup> Os tempos de impressão e circulação demandam pesquisa apurada, o que não foi objetivado nesta investigação.

As fontes de ordem interna ao organismo de informação podem ser identificadas com o trabalho dos correspondentes, enviados especiais ou arquivos próprios. As fontes externas ao organismo de informação, por sua vez, podem ser exemplificadas como sendo as agências e as indústrias de serviços ou outras mídias. As fontes externas às mídias institucionalizadas podem ser, então, o estado-governo, as administrações, os partidos, os sindicatos ou os políticos. Já as fontes não institucionalizadas direcionam-se às testemunhas, aos especialistas ou aos profissionais.

Segundo Charaudeau (2006), “a instância de produção<sup>10</sup> tem, pois, uma dupla responsabilidade: a de obter os meios de aceder a um máximo de fontes possíveis e a de verificá-las”. (p. 148). Charaudeau (2006) afirma que, ao nomear as fontes, o discurso da notícia utiliza-se de recursos de denominação ou de modalidade de enunciação. O recurso de denominação consiste em identificar as fontes por meio de nomes, títulos, função ou profissão ou status de pessoas. Ainda há, segundo o autor, o recurso de denominação vaga, quando se trata de preservação do anonimato.

A modalidade de enunciação “pode ser expressa por verbos de modalidade (diz, declara, faz saber, etc.), cujo semantismo é mais ou menos revelador da atitude da instância de enunciação com relação à fonte original [...]” (CHARAUDEAU, 2006, p. 149).

Dessa forma, a instância de produção identifica e valora as fontes, influenciando na credibilidade e produzindo efeitos diversos de significação; o discurso do outro e o modo como esse outro é valorado apresentam-se relevante para a construção de sentido da notícia.

As fontes são uma forma de apresentação do discurso do outro<sup>11</sup>, isto é, “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (p. 150). Para Bakhtin (2003; 2006), o enquadramento do discurso do outro no enunciado cria uma determinada perspectiva ao fundo dialógico que é dado ao discurso introduzido. Assim, analisar o discurso de outrem para a ADD é perceber que o discurso do outro incluído na situação de enunciação sempre sofre determinadas transformações de significado. A esse respeito, Bakhtin (1998, p. 141) afirma que

O contexto que avoluma a palavra do outro origina um fundo dialógico cuja influência pode ser muito grande [...]. A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso. Por isso, ao estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu

<sup>10</sup> Sobre a instância de produção, Charaudeau (2006, p. 73) argumenta que no jornalismo “o jornalista [...] não é o único ator, mas constitui a figura mais importante. Reservemos a designação de ‘instância midiática’ à instância global de produção que integra os diferentes atores que contribuem para determinar a instância da enunciação discursiva”. Diferentes protagonistas interferem na produção jornalística (redatores, editores, técnicos, diagramadores, revisores, etc.).

<sup>11</sup> “Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra não minha. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso, literárias), além das minhas próprias são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro [...]”. (BAKHTIN, 2003, p. 379).

enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolúvelmente ao outro.

O discurso citado, portanto, apresenta-se como a confluência de discursos os quais, por sua vez, se integram na construção de sentido do discurso da notícia. Conjugado à seleção e à identificação das fontes na notícia e ao enquadramento do discurso de outrem, atentamos para o aspecto da autoria no discurso da notícia, isto é, quando não concordamos com alguma notícia, procuramos saber quem é responsável pelo que foi publicado. “É o dono da empresa ou o jornalista?” (MIOTTO, 2003, p. 51), ou seja, procuramos apreender seu autor. Para Bakhtin (2003, p. 384), “não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam [...]”. Sob esse aspecto, Bakhtin (2003, p. 389) retoma a posição discursiva de autor do jornalista, afirmando que

O jornalista é acima de tudo um contemporâneo. É obrigado a sê-lo. Vive na esfera de questões que podem ser resolvidas em sua atualidade (ou ao menos num tempo próximo) Participa de um diálogo que pode ser terminado e até concluído, que pode passar à ação, pode tornar-se força empírica.

Para Bakhtin, a posição discursiva da autoria depende do gênero do enunciado, ou seja, cada gênero do discurso possui uma forma autorizada de autoria. Especificidades da comunicação discursiva carregam consigo determinações das diversas formas de posicionamento autoral. “A forma de autoria depende do gênero do enunciado. Por sua vez, o gênero é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 389). É sob o panorama do discurso e do dialogismo que Bakhtin, portanto, apresenta suas fundamentações acerca da autoria. Por exemplo, relações dialógicas, dialetos sociais (posições socioaxiológicas), autoria, vozes da construção enunciativo-discursiva do gênero romance são apresentadas e explicadas por Bakhtin, entre outros trabalhos, ao longo do capítulo ‘O Discurso em Dostoiévski’, no qual o autor também explica seu conceito de discurso, contrapondo-o à visão objetivista da língua, e afirma que as relações dialógicas pertencem ao campo do discurso e, portanto, são objetos da Metalingüística<sup>12</sup>.

O conceito de discurso é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano da discursividade, especificando que o discurso orienta-se para o objeto do discurso como para o discurso do outro. Essa dupla orientação materializa-se na forma de enunciados e, por conseguinte, pressupõe uma autoria enunciativo-discursiva. Neste sentido, a

---

<sup>12</sup> “Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin define a Metalingüística como um estudo – ainda não constituído de disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam, também de modo absolutamente legítimo, os limites do objeto da lingüística. O autor concebe a metalingüística como uma translingüística. Ou seja, ele marca o lugar e os fundamentos de disciplinas como a pragmática, as teorias da enunciação, do discurso. Como objeto da metalingüística tem-se o discurso, o enunciado, os gêneros do discurso, as relações dialógicas entre o enunciado e a realidade, o sujeito falante e os outros enunciados [...], a questão da autoria. Na percepção bakhtiniana, a lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, o discurso, mas o estudam sob diferentes aspectos e de diferentes ângulos de visão, devendo completar-se, mas sem se fundir.” (RODRIGUES, 2001, p. 63-65).

autoria é concebida como uma postura de autor, ou seja, uma postura discursivo-dialogizada, posto que, segundo a perspectiva bakhtiniana, a autoria implica reação dialógica. Bakhtin (2002) discute que “nesse sentido, todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como seu criador [...] uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente” (p. 184). Para Bakhtin (2003, p. 399),

O autor se encontra naquele momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem intimamente, e é na forma onde mais percebemos sua presença. A crítica costuma procurá-lo no conteúdo destacado do todo, que permite identificá-lo facilmente como autor-homem de uma determinada época, que tem uma determinada biografia e uma determinada visão de mundo. Aí a imagem de autor quase se funde com a imagem do homem real. O verdadeiro autor não pode tornar-se imagem, pois é criador de toda imagem, de todo o sistema de imagens da obra.

É sob esse panorama conceitual que podemos analisar que no gênero notícia perpassam diferentes discursos regularizados pelas diversas fontes selecionadas para compor sua construção dialógica. Assim, a autoria concebida como postura de autor dialoga constantemente com as fontes (voz do outro) que, em confluência, significam o gênero notícia na esfera socioideológica do jornalismo. O discurso do outro (as fontes) é usado pelo autor como referências, posições e recursos informativos que consubstanciam a constituição e o funcionamento desse gênero.

Por meio da voz das fontes (discurso de outrem), o autor constrói sua voz de forma refratada e revalorada (reacentuada, reenunciada), orquestrando pela intersecção de vozes e pelas posições socioaxiológicas (índices valorativos do discurso do outro) o dialogismo característico do discurso da notícia.

Sob esse âmbito, para compreender-se a posição de autoria no gênero jornalístico notícia, torna-se importante visitar o processo de produção do gênero e os indícios da posição valorativa de autoria pressupostos em cada sujeito (vozes<sup>13</sup>) e as instâncias de produção da notícia. Ao discutir-se sobre a esfera do trabalho jornalístico, verificamos que o gênero notícia é produzido mediante três instâncias com determinados sujeitos (vozes) que atuam de maneira dinâmica e dialógica.

As instâncias de produção do enunciado que instauram as condições sociodiscursivas do processo de produção da notícia são: (a) concepção; (b) editoração e (c) responsividade. Em jornais, em revistas, na televisão ou na rádio (como em outras mídias), há uma orientação geral que norteia e determina a veiculação de determinados fatos/discursos e sua posterior publicação em gêneros específicos (notícia, reportagem, entrevista, editorial, etc), a saber, a pauta. A pauta subsidia as instâncias de produção da notícia (concepção, editoração e responsividade), posto que é este o fio condutor que delinea o que será publicado. Rossi (2006) discute que a pauta ocasiona distorções e limitações ao trabalho jornalístico. A primeira distorção está relacionada com a

---

<sup>13</sup> “Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...] e vozes próximas [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 330).

publicação de notícias a partir do que outros veículos estejam publicando; essa prática gera um círculo vicioso pela qual os jornais se auto-alimentam.

A segunda distorção, de acordo com o autor, diz respeito à limitação de pauta, isto é, “a pauta, no geral, reflete a idealização das pessoas que permanecem nas redações e não daquelas que estão em contato direto com os fatos ou as pessoas geradoras” (ROSSI, 2006, p. 19).

Ao especificar os sujeitos da produção da notícia, estes apresentam-se ligados a determinadas instâncias de produção discursiva da notícia: (a) instância de concepção – jornalistas; *press-releases*; consultores; repórteres; pauteiro; chefe das surcusais; correspondentes; fontes de informações; relações públicas e assessores de imprensa; (b) instância de editoração – copidesques; editores; chefes de redações; chefes de reportagens; secretarios da redação; revisores de texto e (c) instância de responsividade – o público-leitor.

Quanto aos sujeitos envolvidos na instância de concepção da notícia, os consultores apresentam-se como profissionais especialistas em determinadas áreas, e que funcionam como recursos de informações especializadas para determinado fato a ser noticiado. Geralmente, os consultores são agentes da informação específica de uma área – economia, política, ciência, educação, religião, etc. Além de jornalistas, repórteres, chefes das surcusais, correspondentes, fontes de informações, relações públicas e consultores, tem surgido, no campo de atuação jornalística, o pauteiro, que é o profissional que, juntamente com a chefia e a diretoria, reúne pontos a serem eleitos para a pauta, ou seja, “quem acolhe a notícia e quem a elabora não tem participação nas discussões sobre o que o jornal ou a revista vai publicar, sob que enfoque, tamanho, etc”. (ROSSI, 2006, p. 20).

Na instância de editoração, o copidesque é o agente responsável pela redação, em outras palavras, é o redator. Em função da grande escala de informações produzidas fora da sede da instituição do jornal, muitas necessitam ser ajustadas quanto a padrões, tamanhos e exigências da sede jornalística. Para Rossi (2006, p. 28-29),

O copidesque funciona como o primeiro filtro pelo qual passa a produção do repórter – o que já ocasiona uma primeira distorção entre a narração do que aconteceu, na visão do repórter, e o que será publicado. [...]. Assim, a forma final em que a notícia vai aparecer no jornal é, muitas vezes, mais a de quem não viu o acontecimento do que a de quem o presenciou.

Dessa forma, podemos afirmar que cada fato a ser noticiado pode apresentar diversas interpretações/ valorações conforme o horizonte apreciativo de cada um que o examine. Com isso, a visão do repórter ou do redator pode não coincidir com a de seu editor, do seu chefe de redação, do diretor ou ainda sofrer alterações realizadas pelo revisor de texto (que dependendo das seleções lexicais, fraseológicas ou textuais alteradas pode ocasionar valorações distintas). Quanto à instância de responsividade – a voz do público-leitor -, essa será discutida na próxima



seção. Em síntese, podemos constatar que as condições de produção do gênero notícia<sup>14</sup> estão submersas em diferentes instâncias (concepção, editoração e responsividade) que se entrecruzam constantemente e se materializam enunciativamente sob a forma de diferentes vozes dos diversos agentes implicados nesse processo (jornalistas, repórteres, chefes, secretários, revisores, entre outros).

Em adição às discussões sobre as condições de produção das notícias (anteriormente discutidas), algumas indagações ascendem a respeito da marcação de autoria (implícitas e explícitas<sup>15</sup>) nas notícias analisadas, tais como: (a) quais são as notícias<sup>16</sup> que apresentam marcas autorais explícitas?; (b) quais são os jornais, dentre os pesquisados, que procuram identificar marcas autorais explícitas em suas notícias?; e (c) como as marcas autorais implícitas estão marcadas enunciativo-discursivamente ao longo das notícias?.

A respeito de quais notícias apresentam marcas autorais explícitas, podemos afirmar que: (1) no jornal *Correio do Povo*, não há notícias com marcas autorais explícitas; (2) no jornal *O Estado de S. Paulo*, há marcações autorais explícitas em notícias de página inteira, em notícias de 1/3 de página e em notícias de ¼ de página e (3) no jornal *Diário Catarinense*, somente as notícias de ¼ de página apresentam marcas autorais explícitas.

Quanto à segunda indagação, de quais são os jornais que apresentam marcas autorais explícitas em suas notícias, esta já foi respondida na discussão anterior. Quanto à terceira indagação, por sua vez, pode-se afirmar que as marcas autorais implícitas estão marcadas nas notícias analisadas por meio de diferentes recursos estilístico-composicionais (ACOSTA-PEREIRA, 2008). Esses recursos são: (1) marcas do discurso do outro por meio da reênuniação, provocando efeitos de reconhecimento, de validação, de avaliação, de compartilhamento de responsabilidade e de justificação entre o discurso do autor e o discurso do outro; (2) visadas dialógico-valorativas, buscando a aprovação, a legalização, a validação e a avaliação das informações apresentadas na notícia e (3) projeções linguístico-textuais que se engendram e engendram o estilo e a composicionalidade do gênero notícia. Bakhtin (2003) afirma que todo discurso tem um autor, isto é, para o autor, não há palavras sem voz, palavras de ninguém. “Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...] e vozes próximas [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 330). Os diversos recursos acima citados operam, portanto,

---

<sup>14</sup> Como se percebe, o processo de produção do gênero notícia na esfera do jornalismo impresso não foram analisadas com exatidão nesta pesquisa, posto que o objetivo desta investigação é compreender o funcionamento do gênero notícia já publicado.

<sup>15</sup> Por *marcas autorais implícitas*, esta pesquisa entende como marcas da posição do autor que se constroem por meio de recursos linguístico-textuais ao longo da notícia, tais como marcadores avaliativos e atitudinais, pronominalização de 1ª pessoa, entre outros recursos estilísticos que demarcam a posição de sujeito no discurso. Por *marcas autorais explícitas*, a pesquisa entende a apresentação do(s) nome(s) do(s) jornalista(s) responsável(is) pela notícia.

<sup>16</sup> Notícias que pertencem à seção analisada.

como recursos de um acabamento estilístico que o autor se responsabiliza em dar aos seus enunciados.

Para concluir, uma questão relevante a se discutir é o fato de que, em função das diversas instâncias de enunciação e dos agentes na produção das notícias (acima discutido), a definição de autoria no gênero notícia mostra-se demasiadamente complexa, à medida que se entrecruzam nas condições de produção desse gênero diferentes indícios de instanciações (concepção, editoração, responsividade), assim como de diferentes sujeitos (jornalistas, editores, revisores, repórteres, etc) que são semiotizados no material enunciativo do gênero.

## 4.2 O Público-leitor

Bakhtin (2003, p. 302), acerca da concepção de destinatário, postula que

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo de cultura da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele.

Sob esse contexto, o público-leitor do gênero notícia está intimamente relacionado com o leitor previsto dos jornais nos quais as notícias são publicadas. Em outras palavras, o autor do enunciado orienta sua produção a partir do escopo que projeta de seu destinatário. Muitas vezes, as instituições jornalísticas realizam diferentes pesquisas visando a compreender seu público - leitor, construindo, dessa maneira, a visão do leitor de seu jornal, posto que a posição de seu destinatário influencia na construção de seus enunciados.

De acordo com as informações publicadas no site institucional do jornal *Zero Hora* e com a pesquisa desenvolvida por Acosta-Pereira (2008), este é o jornal de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul e está classificado entre os 10 maiores do Brasil. Sua circulação de aproximadamente 100 mil exemplares mensais é subdividida entre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e em países como Argentina e Uruguai. Os leitores pertencem às classes A e B, e podem ser identificados como intelectuais, estudantes, políticos e profissionais em geral.

O *Correio do Povo* é o segundo maior jornal em tiragem no estado do Rio Grande do Sul e considerado o oitavo maior do país. Seus leitores correspondem às classes A, B e uma pequena porcentagem da classe C. O jornal possui leitores identificados como intelectuais, estudantes, políticos, entre outros profissionais em geral e uma circulação diária de 80 mil exemplares.

O jornal *O Estado de S. Paulo* – o ‘Estadão’ –, por sua vez, possui uma tiragem de 11 milhões de exemplares mensais e é distribuído em 12 mil localidades no Brasil. É lido por classes A e B (70%), intelectuais, empresários, políticos, estudantes e profissionais em geral.

O *Diário Catarinense* possui uma circulação mensal de aproximadamente 38 mil exemplares com 60 mil aos domingos. Os leitores correspondem às classes A e B (60%) e C (33%) e entre 15 e 24 anos (24%) e de 25 a 39 anos (35%). Dessa forma, a partir de dados gerais de circulação do jornal e retomando a posição do interlocutor frente a produção de enunciados, podemos afirmar que “a projeção do interlocutor e do seu fundo aperceptivo [...] orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo enunciado se encontra orientado para o interlocutor” (RODRIGUES, 2001, p. 143). Rodrigues (2001, p. 133-135), ainda pontua que

O gênero encontra-se orientado para um objeto discursivo, inclui os participantes da interação e suas valorações face ao objeto do discurso. O autor e os leitores, dadas as condições de produção e circulação da comunicação jornalística, não se conhecem, não estão em uma relação de interação face-a-face. Mas a instituição fornece o contato (interação “mediada” pelo jornalismo) entre os participantes da interação, cabendo, ao autor, no entanto, manter esse vínculo. [...]. Percebe-se como o trabalho da ideologia e dos índices sociais de valor se manifestam não só nos “conteúdos” dos enunciados, mas nas suas formas discursivas e na circulação social diferenciada dos gêneros do discurso, que vão implicar em diferentes condições sociais de investimento dos gêneros. A percepção do interlocutor e do seu fundo aperceptivo (os seus valores, posições, etc.) orienta o autor, influi naquilo que é dito e como é dito, pois todo o enunciado se encontra orientado para o interlocutor.

Assim, o material linguístico-enunciativo do gênero notícia se constrói a partir da “imagem” do público-leitor projetada, seus horizontes apreciativos, seus valores e suas posições se engendram e orientam ideologicamente a constituição e o funcionamento das notícias na esfera jornalística.

### **Considerações Finais**

Compreender linguagem como prática social é reconhecer que nossas ações são sempre situadas por determinados contextos, gêneros e esferas sociais, que não apenas regularizam, legitima e negociam nossas interações como também as estabilizam por meio da tipificação dos enunciados nelas construídos. Cabe, em adição, retomar que gêneros sob a perspectiva de

Bakhtin pressupõem interação, isto é, “as formas da língua e as formas típicas dos enunciados – os gêneros do discurso – chegam à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas (2000, p. 283).”

## Referências

ACOSTA-PEREIRA, R. **O Gênero Jornalístico *Notícia* – Dialogismo e Valoração**. Dissertação de Mestrado. PGLg. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

AMORIM, M. **Cronotopo e Exotopia**. In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica)**. Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

\_\_\_\_\_. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. Edited and Translated by Caryl Emerson. Minnesota: UMP, 1989.

\_\_\_\_\_. **Para uma Filosofia do Ato**. Texto completo da edição americana Toward a philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993.

\_\_\_\_\_. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance**. 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. A Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. (Voloshinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. **Análise e Teoria do Discurso**. In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

MIOTELLO, V. **Ideologia**. In: BRAIT, B. Bakhtin – Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

MIOTTO, G. B. **A construção da notícia**. In: SILVEIRA, A.C.M. (Org.) Jornalismo além da notícia. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003. p. 45-60.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

ROJO, R. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas**. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

ROSSI, C. **O que é Jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

STELLA, P.R. **Palavra**. In: BRAIT, B. (Orgs.) **Bakhtin – Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007a.